

RECEPÇÃO: 3223-2057 e 3224-3116
COMERCIAL: 3223-2057
INTERNET: www.diariodoamapa.com.br
E-MAIL: redacao@diariodoamapa.com.br

DIÁRIO DO AMAPÁ

1 PREÇO DO EXEMPLAR R\$ 1,00

Edição finalizada às 17h

DIÁRIO DO AMAPÁ ANO XIV Nº 3.044 DOMINGO E SEGUNDA-FEIRA, 22 E 23 DE JANEIRO DE 2006 DIRETOR-SUPERINTENDENTE LUIZ MELO



Defenap é a 3ª melhor do País, diz MJ

POLÍTICA - 1



Criadores de abelhas fazem treinamento

CIDADES - 3

Gangue de rua aterroriza em Porto Grande

POLÍCIA - 4

Mazagão Velho: 236 anos são festejados

Nesta segunda-feira, 23, uma grande festa vai reunir historiadores, arqueólogos, populares, autoridades governamentais e políticos, na vila de Mazagão Velho, município de Mazagão. É a comemoração pelos 236 anos de fundação da vila, que no passado foi povoada por imigrantes vindos do Marrocos. Neste dia, os mazaganenses também prestarão homenagens às 52 pessoas cujas ossadas foram encontradas por uma equipe de pesquisadores, no subsolo de uma antiga igrejinha da comunidade.

CIDADES - 1



A presença portuguesa no Marrocos começou a ser consolidada a partir de 1505, quando Jorge de Melo desembarcou em Mazagão com o intuito de fundar uma fortaleza à sua custa.

Nesta segunda-feira, 23, o distrito de Mazagão Velho (Município de Mazagão) comemora 236 anos de história. Criada em 1770, a vila de Mazagão Amazônica recebeu famílias portuguesas e seus escravos vindos da Mazagão africana.



A cidade de Mazagão, no Marrocos, foi edificada dentro de uma fortaleza

Luso-marroquinos na Amazônia

A saga dos primeiros habitantes de Mazagão: Sua religiosidade, costumes e sua fantástica história

NILSON MONTORIL
HISTORIADOR

A presença portuguesa no Marrocos começou a ser consolidada a partir de 1505, quando Jorge de Melo desembarcou em Mazagão com o intuito de fundar uma fortaleza à sua custa. No início da obra, os portugueses sofreram o primeiro ataque dos mouros, que puseram fogo no castelo em construção. Estima-se que, cerca de 450 lusos foram mortos. Em 1514, as obras foram retomadas, guardadas por dezenas de besteiros e espingardeiros. Registre-se que, algumas tribos mouras vizinhas, parceiras comerciais dos lusitanos, colaboraram na segurança. Além do interesse econômico, o triunfo da cristandade era estimulado pelos Papas. A partir daí, até 1769, o panorama se caracterizou por hostilidades frequentes, com perdas de vidas de ambos os lados. Inúmeros foram os atalaías abatidos, gado roubado, trincheiras ocupadas e recuperadas, cercos à fortaleza rechaçados. Com a elevação dos ataques mouros, impedindo que as ca-ravanas de mercadores chegassem a Mazagão, as razões comerciais para manter a ocupação deixaram de existir.

No dia 4 de dezembro de 1768, um exército mouro de cerca de setenta e cinco mil combatentes, quarenta e quatro mil sapadores, com morteiros e 4.000 homens de artilharia, acampou a uma légua da fortaleza de Mazagão, posicionando-se para atacá-la e tomá-la. O imperador do Marrocos, Mulei Mohamed estava no comando. Um grupo avançou, estacionando próximo as pequenas elevações em torno da cidade. O grosso do exército ficou na cilada, esperando que os portugueses saíssem para uma batalha campal. A tática falhou e o cerco à cidade de Mazagão se configurou.

A 5 de janeiro de 1769, o exército mouro realiza ampla movimentação, com 80 bandeiras desfreadas, acobertando o grosso da artilharia. Os portugueses permanecem em seus redutos. A 11 de janeiro, o governador de Mazagão reuniu o Conselho dos mais graduados oficiais da praça a fim de porem em execução os melhores meios de defesa. O almocadém João Fróis de Brito deixou a cidadela com 150 cavaleiros para arrasar os valos que os próprios portugueses tinham cavado. Tomara esta decisão para impedir que os mouros ali se estabelecessem. Cumpriram bem a missão e, de espada na mão, atacaram os piquetes avançados dos mouros, cansando-lhes mortos e obrigando-os a recuar até junto do grosso do exército. Depois que se recolheram à fortaleza, o governador deu ordem para que as portas não se abrissem mais. Os mouros, através de trincheiras, cercaram completamente a fortaleza por terra e assentaram 35 peças de artilharia.

Os portugueses, sitiados, com munição insuficiente e artilharia em mal estado, prepararam-se para o pior.

Dia 30 de janeiro de 1769, dois mouros trazendo uma bandeira, chegam junto à fortaleza. Eram portadores de uma mensagem do imperador, propondo a rendição, sob pena de passarem todos os portugueses à espada. Não aguardaram a resposta e partiram em velocidade. A artilharia moura descarrega enorme quantidade de balas sobre a fortaleza. Mais de 200 bombas. Até o dia 9 de março, cerca de duas mil bombas arruinaram edifícios e mataram algumas pessoas. De cima das muralhas, os portugueses matavam, com tiros certos, todos os mouros que se descobriam nas trincheiras. Muitos queriam ir combater em campo aberto, o que o governador proibiu.

No decorrer do mês de fevereiro, os mouros realizaram ataques rápidos de artilharia e infantaria. Os portugueses revidaram e mataram cerca de 300 atacantes. O desespero começa a tomar conta dos portugueses. A defesa da praça tinha chegado a última desesperação, a ponto de os sitiados terem decidido sobre a eventual liquidação das mulheres e crianças para não serem presas pelos mouros. Um considerável número de soldados

rebelou-se, querendo combater corpo a corpo com os mouros. O governador conseguiu acalmar os ânimos.

No início do mês de março, chegaram à baía, pelos fundos da fortaleza, 14 embarcações portuguesas, idas de Lisboa, com munições e vários mazaganistas. Também havia a ordem para entregar a praça de Mazagão aos mouros e para que todos os seus ocupantes embarcassem para Lisboa. Dia 8 de março, o governador transmitiu ao imperador do Marrocos a ordem que recebera e negociou com ele a suspensão das hostilidades, que cessaram a partir do dia 9.

No dia 11 de março ocorreria a partida para Lisboa. O dia 10 serviu para que os soldados encravassem as peças de artilharia, destruíssem as pedras sacras das igrejas, matassem os cavalos e o gado. Também minaram todos os baluartes. As imagens dos santos, os livros com assentamentos civis e religiosos foram embarcados.

Dia 11 de março, depois que a última embarcação deixou o litoral do Marrocos, os mouros invadiram a fortaleza. Neste momento, houve a explosão da pólvora dos baluartes, matando milhares de mouros. No período de 21 a 24 de março de 1769, deram entrada em Lisboa os barcos que transportavam os mazaganenses. Eles permaneceram ali até setembro, ocasião em que foram iniciadas as viagens de transferência de 340 famílias, no total de 1.022 pessoas, para a cidade de Belém, Estado do Pará. Após cerca de quarenta dias de viagem, com paradas nas Ilhas dos Açores e da Madeira, o pessoal chegou a Amazônia.

Do total das famílias evacuadas, apenas 340 foram mandadas para Belém, onde se verificou nova seleção, levando-se em conta a aptidão de cada indivíduo cabeça de casal. Assim, 163 famílias, com menor qualificação profissional, foram escolhidas para colonizar e defender uma nova vila, que seria fundada dia 23 de janeiro de 1770, no rio Mutuacá. Os militares e os elementos de conhecimento mais apurado passaram a residir em Belém, Macapá e outras vilas já instaladas.

Em abril de 1770, uma família composta por 7 pessoas foi levada para a Vila Nova Vistosa da Madre de Deus, no rio Anauerapucú. No decorrer de janeiro a julho de 1771, mais 6 famílias embarcaram para a Vila Vistosa. Em setembro, estas sete famílias foram transferidas para a Nova Mazagão, permanecendo nos navios até outubro, quando deixaram as embarcações para ocupar as casas erguidas a cerca de 600 metros do rio, acobertadas pela mata. Outras famílias chegaram posteriormente, para experimentar uma experiência cruel imposta pela coroa. Todos receberam ajuda de custo, mas não tiveram o arbítrio de decidir sobre o próprio futuro.



Mausoléu homenageia pioneiros

Nesta segunda-feira, 23, o distrito de Mazagão Velho (Município de Mazagão) comemora 236 anos de história. Criada em 1770, a vila de Mazagão Amazônica recebeu famílias portuguesas e seus escravos vindos da Mazagão africana (região do Marrocos). Por determinação do rei D. José I, no dia 10 de março de 1769 estas famílias lusas abandonaram o antigo castelo que a as abrigava, em consequência da guerra entre mouros e cristãos, durante o período de implantação do cristianismo português no continente africano.

Os primeiros colonizadores do futuro povoado saíram de Belém em

junho de 1771. Eram 163 famílias, com 291 homens, 306 mulheres e 103 escravos africanos, totalizando 700 pessoas. Na chegada ao rio Mutuacá, continuaram morando nas embarcações, enquanto todos os serviços preliminares de desmatamento, limpeza e preparação do terreno, abertura de ruas e os primeiros roçados eram plantados. Finalmente no dia 7 de outubro de 1771, após a realização de uma missa solene de ação de graças, celebrada a bordo por frei José Tiago, que os acompanhara da África até a Amazônia brasileira, abandonaram os navios e deram por fundada a Nova Mazagão como ficou conhecida até 1880.

Hoje Mazagão Velho guarda memórias de seu antigo apogeu. As memórias transmitidas através das gerações. Memórias que remontam aos tempos de Marrocos, de como foi a vida, as lutas para a adaptação de uma população transferida para uma realidade tão distinta daquela à qual se acostumara na África. Embora afastados no tempo por diversas gerações, as memórias guardadas através das tradições terão agora um resgate histórico do Governo do Amapá, em conjunto com a Prefeitura de Mazagão e o Exército Brasileiro, através de seus primeiros habitantes.

O reconhecimento por tudo o

que foi feito e deixado pelos primeiros mazaganenses africanos, será através de uma grande homenagem a esses verdadeiros heróis que contribuíram para a colonização e defesa das terras amazônicas. Uma solenidade inédita no Brasil será realizada no dia da festa de 236 anos de Mazagão: o sepultamento dos restos mortais dos primeiros mazaganenses africanos encontrados durante as escavações arqueológicas nas ruínas da primeira igreja da vila de Mazagão Velho pela equipe do professor Marcos Albuquerque, coordenador do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

